

***OS CICLOS DE VIDA
E OS CÍRCULOS DA VIDA***
*algumas reflexões sobre os tempos e os cenários do
viver, conviver e do aprender*

Carlos Rodrigues Brandão



***Nesta versão “nas nuvens”
este escrito, que foi antes um livro
um capítulo de livro, um artigo
ou um outro qualquer texto,
pode ser acessado, lido e utilizado
de forma livre, solidária e gratuita.***

***Outros escritos meus
podem ser acessados em
www.apartilhadavida.com.br***

Este é um estudo sobre os círculos e circuitos sociais entre os e através dos quais vivemos e realizamos nossa vida cotidiana e a nossa história de vida, Algo de que nosso curriculum vitae traduz apenas uma pequena parte e revela uma pálida imagem de quem de fato somos. Algo dentro do que interagimos conosco, com nossos outros e em os cenários, as cenas e os símbolos de nossos mundos. Círculos e circuitos, situações e momentos através do que vivemos as múltiplas e diferentes experiências do aprender-e-ensinar, logo, do participar do próprio mistério do fluir do saber. Logo se verá que não sendo um escrito sobre a educação, no sentido mais profissional e propriamente pedagógico desta palavra, tudo o que aqui se lê e lerá tem a ver com situações em que o aprendizado é o eixo das idéias e o rumo dos caminhos.

Como uma escrita de teor e vocação muito pessoais, confessantes mesmo, tomei o cuidado de não misturar minhas vivências com teorias não raro de tal complexidade que o que se diz precisa ser demoradamente interpretado.

Sou formado em Psicologia e sou hoje um antropólogo. Dois campos do conhecimento humano que por caminhos desiguais, mas nunca divergentes, convivem em mim sempre muito próximos quando cada um a seu modo faz perguntas e busca respostas a respeito do mistério das interações humanas. Dois campos de pesquisa, docência e outras práticas sociais com frequência vividas e pensadas entre e primeira e a segunda pessoas tanto da vida social quanto de nossas gramáticas. Em muitas linhas e páginas se poderá ver que eu penso e escrevo ao longo de intervalos entre elas. E entre elas e outras ciências e artes.

Situado em minha vida de antes e agora entre a antropologia, a educação e a literatura, durante muito tempo, olhando Boa parte dos livros que eu lemos hoje em dia a respeito da escola, de pesquisa sobre a escola ou na escola, é como se de repente a escola descobrisse dona, senhora, ou quem sabe serva de um cotidiano. As relações entre as pessoas, isso que eu estou chamando aqui de uma cultura escolar, de uma cultura da ou na escola. Às vezes parece que de dentro da escola para fora, toda pesquisa que ela venha fazer poderia tomar esse ar, esse estilo, essa dimensão mais interativa, mais cultural, se quisermos, mais próxima a um olhar fenomenológico. A escola não como uma estrutura, mas como um fenômeno, ou como um emaranhado, um conjunto interativo de fenômenos que são as relações entre pessoas, entre pessoas e instituição, entre pessoas e pessoas, entre pessoas e seus símbolos e significados, tal como eles aparecem, tal neste lugar, como ela se instaura aqui, como ela é acolhida nessa comunidade, como ela se organiza, como ela coloca aqui um padrão de organização institucional, previsto, por exemplo, pelo que seria a legislação de educação no município de Caldas, no sul de Minas Gerais.

Eu poderia deslocar essa pergunta para uma outra, mais ampla que seria: Quais são os contextos? Quais são os lugares de comunicação entre as pessoas? Em que se dá, de alguma maneira, uma relação que mesmo não formal e oficial, tenha uma dimensão propriamente pedagógica? Ou seja, quais são os lugares e momentos desse lugar comunidade, uma comunidade rural, na periferia de cidade, um bairro comum de

uma cidade de porte médio, ou a fração desse bairro, quais são os lugares onde pessoas ao se encontrarem ou ao conviverem por um período breve, médio, longo ou muito longo, de suas vidas, vivenciam inclusive com graus variáveis de motivação quanto a isso, experiências de ensinar e aprender, ou então como eu costumo dizer, situação de criação interativa do saber conseqüentemente do aprende. Isso parece bater numa velha história, numa questão antiga, mas na verdade isso recai sobre um conjunto de questões da maior importância, muito grande, inclusive esse olhar ajuda a compreender de uma maneira mais generosa o próprio que fazer, o próprio sentido da presença da escola naquele lugar. Vamos trabalhar isso.

1. Os pais, os primos, os parentes, a turma, a patrulha, a cordada, a equipe, o círculo, a solidão e a sala de aulas

Em que lugares em que situações crianças, adolescentes, jovens, adultos e até idosos vivem momentos em que há alguma intenção pedagógica? Há um primeiro círculo de relações desse tipo, reconhecido por todo mundo, inclusive sempre levado em conta quando se pensa a questão da escola que é o círculo das relações familiares, das relações de uma criança e sua mãe e seu pai e seus irmãos e uma constelação, uma pequena constelação, o que nós chamamos em Antropologia em o grupo doméstico, digamos, os habitantes regulares de um locus de moradia, uma casa, um lar, um *domus*, no seu sentido mais simples, onde muitas vezes uma babá, uma empregada doméstica, ou uma avó, ou uma comadre que ali vive ou que passa ali muitas horas de sua vida, tem uma importância significativa principalmente com relação a esse aspecto.

É no contexto do grupo doméstico, dessa unidade em geral constituída por uma família nuclear, mãe, pai e seus filhos, mas em muitos casos pode estar reduzida, o pai já não está lá, ou então ampliada, moram mais dois irmãos da mãe, ou uma avó, mãe de um dos pais e assim por diante é nesse cenário que se dão e continua se dando ao longo da vida relações de propósito pedagógico de muita importância inclusive porque é nesse cenário que se passa reações formadoras de uma identidade, de uma consciência e informadoras de gramáticas sociais, por exemplo, o aprendizado da língua materna, de grande valor antes do próprio ingresso da pessoa, da criança numa escola. Não quero falar mais muito a respeito disso, porque talvez seja, digamos, o círculo de relações pedagógicas não escolares mais conhecido.

Há um segundo, muito menos levado em conta quando se trabalha com cotidianos a volta do ensinar e aprender e que, pelo menos quando eu penso a partir da minha própria experiência de vida, tem um sentido muito grande que é o que nós chamamos em Antropologia, círculo de idade, ou grupo de idade. Quando eu fiz minha pesquisa em São Luiz do Paraitinga, eu cheguei a dizer que em boa medida as crianças e principalmente os adolescentes sempre submissos ou durante grande tempo de suas vidas submissos a uma família ou a um grande grupo doméstico, eles estão continuamente tentando escapar, tentando sair daí para se encontrar com um grupo que, principalmente na adolescência, vai tomar uma importância enorme que é o grupo

de idade, onde não estão mais seres que têm comigo uma relação escalar, hierárquica, eu pai, minha mãe, meu irmão mais velho, meu padrinho, mas onde estão os seres como eu, onde está a experiência primeira das relações de crianças e de adolescentes onde do nada se constrói um lugar de existência, uma experiência de convivência. É no âmbito da própria família nuclear, quando ela era, quando ela ainda é grande, quando há, por exemplo, muitos irmãos, que esse primeiro círculo dos iguais, dos grupos de idade aparece e é na parentela, é no grupo de parentes, que é essa integração das várias famílias nucleares ou grupos domésticos de um mesmo tronco, o conjunto de irmãos casados e irmãs casadas que continuam vivendo numa mesma comunidade, num mesmo bairro, ou numa mesma cidade, há lá também os pais que permanecem, é nesse círculo de parentes dos sobrinhos, dos primos, dos afilhados que em geral se estende, no passado se estendia esse tão importante grupo de idade, esse grupo dos iguais.

Quem tenha vivido intensamente como eu vivi essa turma de amigos, essas pequeninas gangues de meninos e mais tarde de meninos e meninas, há de saber do enorme valor, do poder muito grande que eles têm enquanto espaço de pedagogia, a começar por isso que eu acabei de falar, mais do que a escola, mais do que o grupo doméstico, são nesses lugares que meninos e meninas estão livres para experimentarem ou terem que criar as suas próprias normas, os seus princípios de convivência, a sua própria hierarquia entre iguais, uma coisa tão difícil e as vezes tão inevitável. Esses são lugares em que meninos e meninas se encontram para criar a experiência do próprio inventar a sociedade.

Ali, no seu pequeno exíguo círculo de relações. Muitas vezes, inclusive nós sabemos como esses grupos de idade, essas equipes de amigos, essas pequenas gangues invadem a própria escola e reordenam no seu âmbito aquilo que numa outra dimensão são as turmas de alunos, as salas de aulas e assim por diante. O lugar recreio na escola muitas vezes é o momento de permissão para que aflorem esses grupos cujas vidas e vitalidade é tão importante na socialização de crianças e adolescentes. Ainda que não tudo, uma boa parte do que é uma formação de identidade, o que é um sentimento de eu entre os meus, não no círculo familiar da escola ou da escola, onde tudo ou quase tudo está predeterminado, mas num espaço onde resta criar o como somos, quem somos, para o que estamos aqui, como devemos estar e nos organizar para conviver isso, para conviver esse lugar que nós estamos criando, é mais aí do que na própria família ou na escola que grandes questões de identidade, de consciência de mim mesmo se estabelecem, sem dúvida alguma.

Um terceiro círculo, um terceiro cenário dessas relações, ele fica justamente entre a escola e o puro grupo de idade, o puro grupo dos amigos, a turma de colegas e eu gosto de chama-lo o grupo das tarefas, o grupo de interesse, no bom sentido da palavra. Ele representa muito uma espécie de formalização, de institucionalização do puro grupo de amigos, porque enquanto no grupo de amigos há diferença de escola, de família e de tudo mais, a razão pela qual as pessoas se encontram é o próprio encontra-se e conviver, é , eu diria que a relação é determinada pelo desejo de

convivência, nessas outras situações entra um novo ingrediente que é um que fazer. É em função de um propósito estabelecido e acordado que começa a mobilizar o próprio sentido de estar ali e conviver com aquele grupo, que o grupo de interesses tem como seu nascedouro.

É muito fácil verificar isso, por exemplo num grupo de amigos, doze amigos que se encontram na rua e que brincam, jogam bolinha de gude, inventam peladinhos de futebol e fazem mais isso ou aquilo e de repente surge, ou por iniciativa deles, ou então incentivado por adultos, a vontade de transformar aquilo num time de futebol. Isso parece nada, mas na medida que a idéia de criar um time de futebol toma corpo, tudo muda, tudo se transforma. Enquanto há esse afã no ar, esse propósito estabelecido, é em nome dele que as pessoas vão passar a se encontrar. O grupo vai se hierarquizar, vai estabelecer regras, vai definir reuniões, as pessoas que não comparecem poderão levar bronca, é provável que o grupo crie uma estrutura de deveres e direitos no relacionamento entre as pessoas diferente de como aconteceria um pouco antes e assim por diante.

Grande parte do que se faz na vida comunitária e o que se faz na escola é na verdade um permanente oscilar entre situações grupos interativos, momentos regidos pelo desejo da convivência, estar ali para conviver com o outro, para fluir em mim a presença do outro e grupos de interesse onde há alguma coisa além da simples convivência ou onde a convivência começa a ser dirigida ao criar novas pautas e novos motivos para a comunidade da própria convivência. Jogamos peladas todos os dias, é tão gostoso, é tão bom, é tão agradável, dividimos a nossa turminha ao meio e dessa divisão criamos dois times e sem torcida nenhuma a nossa volta, sem juiz, sem nada, jogamos as nossas peladinhos. Mas aqui em nosso bairro existem times de futebol organizados, com uma sede, com camisas, com chuteiras e eles disputam campeonato e nós estamos fora disso. Ora, porque não nos organizamos para criarmos o nosso time de futebol?

Pronto, uma passagem de uma situação de sócios, de iguais, para uma outra próxima, mas muito diferenciada. Grande parte inclusive das relações entre as pessoas na escola são também oscilações entre vivências de grupos em momentos regidos pelo prazer e o desejo da convivência, num intervalo de sala de aula, ou no recreio, para grupos onde há um propósito, há um objetivo, um o que fazer. Aí se criam os grupos de teatro, um coral, um pessoal interessado em fazer explorações ecológicas no bairro ou um pouco mais além e assim por diante.

A quarta situação poderia ser a dos grupos de interesse ou dos grupos de tarefa ou grupos de propósitos pré estabelecidos, ou seja, antecedentes e exteriores à própria iniciativas das pessoas. Uma coisa é um grupo de meninos ou adolescentes de uma comunidade se organizarem para transformarem a sua turminha de amigos em alguma coisa além, com um propósito dirigido, de fundarem um clubinho de amigos, ou então um time de futebol, outra coisa é o inscrever-se por vontade própria, eu quero participar, ou então por imposição paterna, por exemplo, de uma coisa antecedente já instituída, um time de futebol já existente, uma tropa de escoteiros, uma biblioteca

pública que se abre a grêmios literários coordenados por bibliotecária ou professores, uma escola dominical de uma igreja e tantos e tantos outros exemplos.

São instituições sociais de caráter laico ou religioso, cultural ou lazeiroso pré estabelecidos, em geral ou no mais das vezes colocados sob controles de adultos mas aos quais crianças são convidadas, adolescentes são convidados e aderem muitas vezes, inclusive por uma seqüência de muitos ritos de passagem. Quem tenha vivido numa tropa de escoteiros como eu, sabe como é você se ingressar, não ter ainda um uniforme, ser um noviço, começar a aprender uma série de coisas, ser instalado em uma das patrulhas da tropa e depois cumprir uma série de provas, estar pronto para fazer uma promessa e estar pronto para se transformar num escoteiro, agora sim de pleno direito, colocar o seu uniforme, viver o momento ritual de passagem, você não é mais um noviço, você tem um uniforme, um alguém pode estar aqui ou ir embora, as já é um dos nossos, de pleno sentido e depois continuar fazendo provas e vivendo demonstrações de competência e qualificação e passando de escoteiro de segunda classe para escoteiro de primeira classe e assim por diante.

Normas, padrões, regras da própria cotidianidade do sentido de estar ali, um código de honra, rituais de passagem, provas a serem vencidas, mas onde a dimensão pedagógica é profundamente marcante, ainda que hoje em dia tão pouco vivida, uma tropa e escoteiro tem uma dimensão de ensino e aprendizagem de coisas muito importantes que vão desde sobrevivência na floresta até um código ético de relação com a natureza e com o outro que eu acredito que em boa medida supera o que se ensina na escola.

Finalmente a própria escola como uma dessas instâncias de formação de pessoas, de qualificação pedagógica, de tipos de atores sociais. Então, recapitulando, eu comecei por um primeiro grupo, por uma primeira unidade de intervências com uma dimensão também pedagógica que é a família, estendível também aos círculos de parentesco, depois passei pelos grupos de idade, os grupos de convivência regidos pelo desejo de estar com, depois cheguei ao que eu chamei de aos grupos de interesses, aos grupos de tarefa ou propósitos criados no entanto como uma espécie de formalização do próprio grupo de idade e passei pelos grupos de interesse ou pelas unidades sociais de propósitos de interação ou através da interação das pessoas pré existentes e que incorporam jovens, crianças, adolescentes e finalmente cheguei à escola. Escola, justamente a escola. Já é um outro momento e aqui nessa conversa, uma outra história.

O que eu preciso colocar nessa fita de depoimento é uma integração entre a questão da pesquisa e da docência, o trabalho de professor, desde o mosteiro de Goiás, até a vinda para cá em Águas de Lindóia. Por exemplo, em Uberaba nesses últimos três dias eu consegui acrescentar dados novos àquela idéia dos ciclos de vida e dos círculos da vida. Em primeiro lugar, um esforço era justamente integrar espaço e tempo que antes não estava bem desenvolvido, então a idéia não é apenas trabalhar com os círculos da vida, a família, a parentela estendida, os grupos de idade, os grupos de interesse, as agências de tarefa como eu estou chamando agora, algo como uma

tropa de escoteiros e as equipes de trabalho e finalmente a própria escola e também aquela idéia do foco de vocação dessas várias instâncias, desses vários círculos, como o ritual, a iniciação, a convivência, a tarefa e também, a tensão ou o peso da emoção, idéia que eu quero rastrear de Maturama.

A idéia é que eu quero integrar uma reflexão sobre esses círculos de vida com a idéia de ciclos de vida que inclusive eu desenvolvo em trabalhos como em Ibirité, como, a partilha da vida, como no trabalho de saber, um pouco até no afeto da terra. Se eu poder integrar, por exemplo, todo um imaginário relacionado aos grandes ciclos da experiência da vida social em uma comunidade, tal como esta no afeto da terra com uma reflexão sobre os ciclos biográficos da vida, agora que se fala em educação por ciclos e depois isso em círculos de vida eu estarei dando uma substância a todo o trabalho de Antropologia da Educação de um valor muito maior do que eu imagino. Também lá em Uberaba, desenvolvendo as aulas do mestrado, eu comecei a trabalhar com uma idéia bastante fértil que é a idéia de uma junção entre os ciclos de vida, círculos da vida e os conteúdos simbólicos vivenciados em cada um desses espaços tempos da existência, por exemplo, de uma criança ou de um adolescente na escola. Então, eu pensei rastrear isso, do, a construção social da realidade, o livro de tanto tempo, que me acompanha a tanto tempo, rastrear isso aí e colocar também essa ênfase no conhecimento, nos saberes, valores que são passados, negociados comunicados em cada um desses círculos talvez aquela idéia que venha, das práticas do cotidiano, as gramáticas da vida social, as visões de vocação ideológicas e até os universos simbólicos poderia ser de uma riqueza bastante grande, então essa é a idéia que está me aparecendo agora por aqui em Águas de Lindóia.

Nessa minha reflexão justamente para esse encontro eu comecei a preparar o suposto de que todo esse processo que tem a ver com essa vivência, ele, num campo como da educação, ele pode ser pensado como um processo dirigido a mudanças e a transformações, a um seguimento intencional auto ou alter-dirigido da pessoa humana, da criança do adolescente em direção a transformar-se. Aqui eu estou desenvolvendo a idéia de que o processo de transformação, ele pode dirigir-se em quatro direções que inclusive se inter-combinam. Ele pode tomar a direção, transformar-se em si mesmo, transformar-se em mim, ou seja, naquele que age sobre a transformação de um outro, transformar-se em um nós, criar com esse outro um mesmo projeto de pessoa e finalmente, transformar-se em um outro, um outro que não a própria pessoa, num outro aquele que não dirige o próprio processo, mas num outro idealizado ou então num outro a ser buscado, num outro modelo arquetipo.

Então vejamos se pode fazer sentido uma síntese, algo mais completa, de um lado, a idéia de que do ponto de vista sociocultural todos nós existimos em círculos de vida, não apenas as instituições sociais formais que nos são apresentadas numa sociologia mais estrutural, mas círculos existenciais do cotidiano, eu quero trabalhar exatamente com categorias como biografia pessoal, cotidiano, interações do dia a dia, construção social da cotidianidade, então a primeira idéia é essa, ela tem a ver inclusive com aquela pergunta que eu fazia na pesquisa de Catuçaba de A Partilha da

Vida e essa é uma outra experiência a trazer pra cá. Quando eu me olho e vejo, quando eu olho as pessoas em minha volta, no que é que elas estão, em que círculos existenciais e não estruturais e formais, como por exemplo a igreja, a escola, a universidade, a delegacia de polícia e assim por diante.

Lembro que de uma maneira muito fecunda eu comecei essa reflexão, falando a respeito da solidão, inclusive numa fita já gravada em Uberaba a caminho a universidade, eu trabalho essa idéia. Então, o ciclo de vida se entrecorta com os círculos da vida a cada etapa da nossa existência, nós estamos existindo dentro de uma espécie de re-balanciamento dessas unidades existenciais da interação entre as pessoas, por isso lá em Catuçaba eu começo na solidão, depois eu procuro compreender o que é viver no par, a dois, duas pessoas ao longo de muito tempo, recém casal, casal de velhos cujos filhos já foram embora, ou então alguma coisa acontece durante, por exemplo, numa manhã de trabalho quando o pai e o filho estão juntos, depois o pequenino grupo que começa a partir de três pessoas, o grupo de idade, a família, a família estendida, o grupo doméstico, a parentela o grupo de vizinhança, e aí tudo isso que eu já fui trabalhando, só que no caso de Catuçaba eu descrevo com muito cuidado e atenção, e esses são momentos que poderiam ser trazidos com uma enorme fertilidade para uma reflexão a respeito de educação, transformação, convivência, cotidianidade, construção social do cotidiano, eis aí uma idéia que poderia ser um subtítulo do meu próprio trabalho, a construção social do cotidiano e a experiência da escola.

A construção social do cotidiano e o lugar da escola, ou o lugar da educação, poderia ser o subtítulo, não de Beira Vida Beira Rio, mas talvez do *Envolta do Fogo* o livro mais dedicado à Antropologia da Educação. A idéia seria também retomar trabalhos escritos, espaços por mim desde os ***Deuses de Povo***, passando por os ***Mestres da Folga e da Folia***, atravessando a ***Partilha da vida***, principalmente e o ***Trabalho de Saber*** e chegando até o ***Afeto da Terra*** e mais algumas coisas e mais alguns trabalhos que foram realizados e vividos com uma intensidade tão grande e tão bonita durante esse tempo todo. A idéia que de repente me veio foi exatamente essa, foi trazer, garimpar dos meus escritos anteriores, sobre tudo das minhas pesquisas, o que há de cotidianidade, de construção social do cotidiano, o que há de experiências criativas a volta disso, nesses vários livros e eu repensar essas idéias dentro do contexto da educação, da experiência da transformação da pessoa através da educação, ou então colocar mesmo passagens breves ou passagens curtas em que essas idéias retrabalhadas são rediscutidas aqui. Eu me lembro de um dos meus trabalhos eu acho que está no livro ***Somos as Águas Puras***, sobre Ibirité em que eu vou fazendo exatamente o que eu estou pensando aqui, eu vou trabalhando com os vários ciclos de vida das pessoas da comunidade, desde, por exemplo a criança pequenina até o velho já prestes a morrer, e mostrando que círculos de vida contaminam e se conjugam na experiência cotidiana das pessoas em cada um dos seus momentos, isso é feito às pressas, a pesquisa foi rápida, mas eu acho que deixa marcas e sinais extremamente fecundos, aberto pra se pensar mais adiante inclusive

com toda experiência das leituras sobre ciclos de vida, círculos da vida e assim por diante.

O mais importante é que, nesses trabalhos eu quero falar como um antropólogo fazendo uma fenomenologia com base no internacionalismo simbólico a respeito dessas coisas. Quando olho a minha volta, quando vejo, como já vi em várias situações de pesquisa, em Minas Gerais, em São Paulo, em Goiás, pessoas do mundo rural, pessoas de uma pequena cidade, de uma cidade maior vivendo a experiência do seu cotidiano, interagindo com elas próprias nas várias dimensões de seu ser, aquele “estou só, logo somos quatro”, de Gaston Bachelard, quando eu as vejo interagindo, conversando, trabalhando, ensinando algo a alguém, com outras pessoas dos seus vários círculo, quando eu as vejo vivendo as manhãs, tardes, horas de almoço, noites, jantares, madrugadas, horas de dormir e de novo manhãs, no seu cotidiano ao longo dos vários dias da semana, dias úteis, os chamados dias festivos, como elas estão? Onde elas estão? Em que momentos e situações elas estão?

Essa é a pergunta que eu faço quando eu não as quero ver de fora pra dentro, do social estabelecido, organizado, estruturado, consagrado para o campo dos relacionamentos entre as pessoas, essas são as perguntas que eu faço quando eu quero de uma maneira mais subjetiva, mais interativa, mais inocentemente pessoal, perguntar não como a sociedade cria estruturas, estabelece processos de relação de comunicação entre as pessoas para que elas convivam, mas quero fazer a pergunta oposta: como é que as pessoas, inter-convivendo, criando entre elas a sua vida, vivem a experiência do seu dia a dia, fundam as suas culturas do cotidiano, estabelecem elas próprias ou re-estabelecem no viver as próprias gramáticas da vida social a que elas estão submetidas enquanto sujeitos sociais, enquanto atores culturais?

Se eu retomo experiências da minha vida, se de uma maneira mais concreta eu retorno à pesquisa de São Luiz do Paraitinga, de Catuçaba, as coisas que escrevi, a primeira situação é a própria solidão. É a solidão, o estar só, o solilóquio, a solitude, a soledade, nem sei quantas dessas palavras existem em português. Essa é uma dimensão da experiência social tão pouca levada em conta e tão corriqueira, tão cotidiana na vida de nós. O embrião da própria vida social, o momento zero da cultura talvez seja esse: eu estou só comigo mesmo, ou então como é muito comum se dizer no interior do Brasil, na roça: eu estava sozinho, eu e Deus. Quantas horas do dia, em casa, depois que os filhos foram para a escola e o marido foi trabalhar, uma mulher fica sozinha. Quantas vezes lavrando o seu campo de cebolas, ou a sua lavoura de milho, um homem está só. quantas e quantas vezes numa viagem a pé, ou a cavalo, ou mesmo dentro de um ônibus cheio de pessoas, uma pessoa está só, sozinha, aborta em seus pensamentos, ou então pode dormir, sozinha em seu pequeno sono. E dormindo e no banheiro, a às vezes numa casa cheia de pessoas, uma pessoa está, por muitos e muitos momentos, sozinha. A solidão às vezes é buscada como uma espécie de momento de intervalo e isso eu vejo acontecer em todas as situações, nos fundos dos sertões por onde eu andei, ou nas cidades onde vivi. A solidão parece ser esse momento em que eu me retiro das pessoas e convivo comigo mesmo e fala a mim

ou me silencio, mas às vezes essa solidão é imposta, a criança que é posta no quarto de castigo e é obrigada a ficar na sua pequena solitária, solitária solidão. É a mulher que não gosta, mas quando todos saem tem que ficar só. É o velho e isso acontece tantas e tantas vezes, que depois que dos filhos criados e às vezes da esposa morta, convive o resto dos seus dias num estado de prolongada solidão, a não ser quando encontra vizinhos, ou quando um filho de longe o visita.

A solidão é ao mesmo tempo a procura e a perda, o descanso e o castigo, quando conversando comigo, desde as crianças até os velhos, todos dizem que a solidão não é boa, que ficar muito tempo sozinha é um castigo, um sofrimento. Sempre que as pessoas podem, elas preferem sair da solidão e buscar o outro e buscar o par. Lembro-me de um castigo comum dos colégios da minha infância, eu mesmo fui vítima dele de vez em quando, a criança ficava retida na sala de aula durante o recreio, ou então ficava com uma professora fazendo uma tarefa, fazendo linhas, escrevendo cem vezes uma mesma linha, uma mesma frase como uma punição, era muito sofrido tudo isso e o sofrimento não era tanto o ter que fazer tantas linhas, ou ter que perder o recreio quando os outros estavam brincando, a solidão era o ser obrigado a ficar só, tanto assim que quando o castigo recaía sobre dois meninos, três, já não era tão ruim, mesmo sem poderem conversar um com o outro, o simples fato de estarem ali juntos, cúmplices já diminuía um pouco mais o peso do castigo, um olhar que trocava, um sorriso, um sentimento de que afinal não sou eu sozinho quem está aqui, isso já transformava a terrível solidão pesada do castigo numa solidão um pouco minorada, um pouco menos terrível, afinal, mesmo sem falar comigo, um outro como eu está ali.

O segundo momento da vida tão querido, tão desejado, é o estar a dois, estar no par. “Numa casa de caboclo, um é pouco, dois é bom, três é demais.” Isso é um dito popular falado e cantado e embora ele tenha a ver com a situação de amores devidos e indevidos, bem traduz a idéia de que, em muitos momentos, a situação ideal da vida é estar em dois. Quantas músicas sertanejas versejam isso, o desejo de estar só com você, por uma noite ou por toda vida e também quantas vezes, eu me lembro agora, em contos e novelas de Guimarães Rosa, o sonho do sertanejo não é tanto da família ou dos filhos, mas é o da mulher, o da bela mulher com que ele vive, com quem ele mora no seu rancho de palha. Estar a dois envolve uma situação às vezes de dois pontos limites. É comum, no começo da vida de casados, às vezes nos sertões do Brasil por um breve tempo, um homem e uma mulher se apaixonam, se casam, constroem a sua casa e ali vivem juntos por algum breve tempo até quando nasce o primeiro filho, a primeira filha e tudo se transforma e essa situação volta muitas e muitas vezes, anos mais tarde quando o casal é velho, os filhos foram embora, cada um tomou o seu rumo e ficaram os dois.

Estar ao par, ou “no par”, estar a dois, conviver entre dois recorta muitos e muitos momentos da vida das pessoas na experiência do cotidiano. A mãe que resta na casa com uma filha que ajuda, ou com um filho pequeno enquanto os outros estão na escola e o marido foi trabalhar. Um homem e seu filho, os dois trabalham juntos na lavoura, às vezes o dia inteiro, a manhã e a tarde. Um casal de namorados que escolhe

todos os momentos possíveis para deixar os outros e também sair da solidão e viver o paraíso da experiência de estar com o outro, com a outra amada. Essa situação que no avião coloca na cabine piloto co-piloto, isolados de todos os outros, os outros podem ser dezenas, centenas é uma boa metáfora de muitas e muitas experiências da vida em que por desejo, por convivência ou por obrigação a solidão se rompe e no intervalo entre ela e o grupo se vive a dois, se vive entre dois. Esse é de fato um momento da ruptura, porque quando se está só se convive no conviver consigo mesmo, a possibilidade do solilóquio e ela é muito estranha porque é justamente nela que posso estabelecer interiormente um diálogo com quem eu queria, com quem eu quisesse.

Eu posso trazer a mim para falar comigo, claro numa situação fantasiosa em que talvez só eu fale e o outro ouça na minha metáfora, ou eu responda por ele, quem eu queria, quem eu convide, quem eu convoque. A situação a dois quebra isso, há um outro absoluto a minha frente, é a ele quem eu devo a minha presença, os meus gestos, as minhas falas, esse é, muitas vezes, o momento da máxima intimidade possível de toda vida cotidiana. Há uma intimidade da solidão, aquela que eu vivo no banheiro, aquela em que eu me permito viver pequeninos gestos do corpo, que eu não deixaria existir em mim na presença de um outro qualquer. Mas esse segundo momento do outro à minha volta, ao meu redor, comigo, junto mim, é aquele em que eu salto dessa intimidade da solidão, que é uma espécie de falsa intimidade porque ali ninguém me vê e não há ali uma sociabilidade nenhuma para uma verdadeira interação social de caráter profundamente íntima, pode se produzir ou não intimidade.

Lembro-me de uma vez, Armando Freitas Filho, meu colega de colégio... e hoje um belo poeta do Rio de Janeiro, Armando dizia: “Eu vinha no bonde e na minha frente vinha dois estudantes, entraram juntos e saltaram juntos e caminharam juntos e deviam ser muito, muito amigos, porque durante toda viagem não disseram uma palavra um ao outro.”, eis aí, as vezes essa intimidade pode recobrir exatamente disso, de um profundo silêncio, a convivência é tão intensa que não é preciso nenhuma palavra é necessária. Mas às vezes o seu oposto, o estar só com o outro é o momento da possibilidade do segredo, o exato oposto neste caso, do segredo, a experiência não desejada da solidão.

Um outro me abre a outros, um outro cria comigo um embrião da experiência social. Eu controlo os meus gestos, os meus olhos, as minhas palavras. Já não vivo mais a experiência solitária da metáfora. Vivo a experiência interativa e real da convivência. Trabalhamos juntos, fazemos, às vezes, juntos algo de extrema importância como pilotar um avião, como lavrar um campo, nos amamos, na cama vivemos a máxima intimidade entre duas pessoas, e não apenas o que se faz em busca do prazer, mas o que se diz para que ele tenha um adorno, um amoroso sentido.

Esse estar a dois poderia também ser estendido a situações de uma interação metafórica, de uma interação mais simbólica. O que acontece quando eu estou sozinho e ouço um disco de Chico Buarque ou Dercio Marques, esse outro que está longe não sabe que eu faço isso e não me ouve, entretanto canta ali e cantando para mim, canta às vezes como se estivesse comigo. O que acontece quando eu leio

um livro? Quando eu leio numa manhã de setembro poemas de Manoel Bandeira e de alguma maneira trago à minha presença esse outro e às vezes escrevendo, dizendo o que eu sinto num diário ou num estudo, estabeleço um falso, mas por outro lado também, um verdadeiro diálogo com ele. Estar a dois é uma situação que envolve pessoas humanas em todas as etapas da vida.

A criancinha pequenina no estar com a mãe, na intimidade da presença da mãe, dos cuidados da mãe, quanta psicanálise relacionada a isso, mas também quanta psicanálise relacionada à invasão dessa intimidade por um terceiro, a presença paterna, de um pai. Quanta dificuldade de um amor dividido entre dois no coração da criança. Quanto, talvez, desejo reprimido ou não, de estar só com a mãe, de viver um pequeno paraíso de ter um ser absoluto, amoroso, cuidadoso em minha volta, a meu serviço, me abraçando, me tocando, me tendo em si, quase um mesmo corpo, a mesma situação que se reproduz entre os amantes. Como um salto na relação afetiva profunda entre o estar a dois e mais de dois é difícil, é terrível, é às vezes profundamente condenável. Tudo que parece sagrado e santo na relação amorosa entre duas pessoas, surge como uma espécie de aventura quase depravada, de desvio da afetividade e do desejo quando há um terceiro. Estar a dois é um embrião da experiência numa situação do estudo, quando com um outro eu estudo, chamo um outro, um colega, um companheiro e então estudo. Ou então, eu já falei, na situação de trabalho não comum, tão costumeira, um mestre e seu discípulo, um pai e o filho, dois companheiros de uma mínima equipe de trabalho. Estar a dois.

Para além do estar a dois, a trinca, o estar a três já é um saltar da mínima unidade da interação para a existência de um pequeno grupo. Não se trata de uma psicanálise da Sagrada Família, eu repito, mas seria muito interessante uma antropologia um pouco mais a fundo a respeito dessa passagem na vida cotidiana da relação fundadora da interação, a relação a dois e a relação da trinca, a três, o que eu chamei o verdadeiro embrião do pequeno grupo. No mundo rural, é muito comum que elas se dêem em dois pontos não extremos, mas distanciados da vida de um casal, o surgimento de um primeiro filho que muitas vezes no ano seguinte vai se desdobrar, ou pelo menos antes, no passado, num segundo filho.

Quando o par que vive junto, o par, João Guimarães Rosa, vê chegar a casa um filho e realmente tudo se transforma, uma relação dual torna-se uma relação tri-lógica, tri-afetiva, uma relação em que muitas vezes a mãe retorna a uma relação a dois quando o marido sai ao trabalho e ela fica com o filho e num outro ponto dessa relação a três, essa pequena trinca familiar, ela acontece na casa camponesa quando todos os filhos foram embora já e o casal fica com uma filha responsável pelo cuidado dos velhos, ou então aquela que não casou, aquela que ficou com os pais; eu encontrei isso em várias situações.

Entre meninos em idade escolar o estar a três funda o pequeno grupo, funda aquilo que eu quero chamar aqui de grupo de idade e eu preciso, inclusive, buscar nos livros de Antropologia dados mais fecundo a respeito. O grupo de idade, o grupo de escolha. Quando, entre vários irmãos, três se juntam e brincam juntos, estão

juntos, criam uma intimidade de escolha, uma intimidade por opção. Essa é a primeira passagem na experiência do cotidiano do grupo de destino, a família, o marido, a mulher, os dois, os três, o grupo de escolha, as crianças se escolhem, às vezes em sete irmãos, três se elegem para serem mais íntimos, ou então entre primos, ou entre amigos de uma vizinhança e ali se funda, se cria a primeira unidade da brincadeira, do fugir do controle dos pais e viver a experiência da convivência, da convivência livre e escolhida. A ampliação dessa pequena trinca, ela já estabelece propriamente o grupo. A família de mãe, pai e dois filhos, o grupo de destino, ou então, o grupinho de quatro amigos, de cinco amigos, de seis e até de sete, os amigos inseparáveis, a pequena gang, o urbano, rural, aqueles que querem conviver e podem, inclusive, alterar essa relação de convivência, por exemplo: excluir dois amigos, aumentar outros dois, aumentar ou diminuir o próprio grupo, dividir o grupo em dois, mas o importante é fixar a idéia sobre esse fato, aqui está o embrião da pequena comunidade, do grupo que passa a existir por uma eleição, por um arbítrio, nós queremos estar juntos. Assim também o grupo ampliado de homens adultos numa mesa de truco, num bar ou criando a passagem do grupo de convivência, do grupo de idade para um grupo de tarefa.

O momento que, ou assalariados por um patrão, ou então, escolhidos entre eles, parentes, vizinhos, uma equipe se forma, uma equipe de trabalho, uma estável, como, por exemplo, os artesãos de uma oficina de artesanato de barro, ou então os operários de uma fabriquetta de fundo de quintal, cinco, seis, sete, o grupo estável de trabalho, de tarefa, ou então o grupo de escolha para uma qualquer atividade, não necessariamente produtiva, mas endereçada ao cumprimento de uma tarefa. Eu posso imaginar, por exemplo, um conjunto de moças que se reúnem a cada dois dias da semana para orarem juntas, ou para meditem, para praticarem ginástica ou ioga, ou um conjunto pequenino de estudantes, vizinhos ou próximos que se escolhem para estudar juntos, para fazerem juntos o dever de casa, a tarefa de casa.

Nessa pequena diferença que eu estou estabelecendo aqui, já existe algo muito interessante que é a oposição de algo que eu estou chamando de grupo de destino, como por exemplo uma família, e grupo de escolha, grupo de opção, se quisermos, e que pode ter, ao contrário do que em geral deve acontecer com a família, um dado de desejo do momento, de até mesmo arbítrio, sobretudo quando se trata da experiência dos pequenos grupos cuja a intenção é a vivência da convivência. Os amigos de bar, os amigos de rua, as gangues que se formam e, como eu acabei de dizer, são regidas por um princípio de permanente escolha e instabilidade. Quando, na relação muito freqüente no contexto da escola, entre rapazes e moças surgem os primeiros interesses pelo outro, pela outra, interesses de namoro, começa a haver uma permanente oscilação entre estar no grupo, por exemplo: grupos de moças, grupos de meninos, grupos de rapazes, ou então grupos de moças e rapazes e estar no par, estar como par. Lembro-me das minhas vivências do Rio de Janeiro nesses tempos, às vezes até a forma como a nossa turma de amigos ao mesmo tempo que incentivava, reagia contra a formação de um parzinho de namorados, era como se uma moça viesse roubar um colega nosso, isso às vezes acontecia de uma maneira muito visível, um alguém nos deixava, nos secundarizava em função de uma moça, de uma

namorada que não era da turma, da própria turma, era de um outro lugar, de uma outra turma, do fim da linha do bonde, da rua Adolfo Lutz, da Praça do Jóquei e assim por diante.

Grupos de destino, grupos de escolha. O círculo maior de relações, o círculo mais alongado do que esse, nas duas dimensões, ele leva o pequeno grupo de convivência, de tarefa, ao seu limite. Por exemplo: uma turma de colégio, de trinta e dois ou quarenta alunas, uma equipe de trabalho, provisória ou estável, de mais de vinte pessoas, já há uma passagem daquela convivência afetiva, cúmplice da pequena equipe de quatro, cinco, até oito pessoas que se escolhem ou que precisam estar juntas para uma unidade maior, muitas vezes com frequência, vai novamente se subdividir, se fracionar nesses grupos menores. Todas e todos que somos professores sabemos muito bem da diferença de qualidade interativa entre pequeninas turmas de alunos, de até doze e grandes salas de aula, quarenta, cinqüenta pessoas, quando mais do que isso a própria idéia de uma unidade, de um nós se torna impossível, é muito difícil haver um nós reconhecível, afetivo entre cinqüenta, ou sessenta pessoas. Mas ele existe de alguma maneira em situações polares, opostas. De um lado esse amplo nós que constitui uma grande turma de qualquer maneira, ou então uma comunidade como as muitas pequenas cidades ou comunidades interioranas onde eu estive investigando e de outro lado a pequena multidão reunida num encontro, na escola, ou em um simpósio de educação, ou mais ainda, numa situação ampliada de massa, um comício ou algo assim.

Situações polares porque uma, vivida ao longo de muito tempo da vida, em algumas pessoas, toda a vida, você é um nativo e vive quase toda ou toda sua vida no interior de uma comunidade e se reconhece parte dela, conhece grande parte das pessoas, das famílias, muitas vezes tem envolvimento de vários tipos, dos tipos descritos aqui, ainda que em seu cotidiano você não viva a sua comunidade, a grande sala de aula, ou encontro, ou então o seu lugar de vida como uma unidade de referência, o que eu quero dizer? Uma pessoa, ao longo de um dia e de um dia a uma semana, e da semana num mês e dos meses de um ano e nos anos de uma vida, ela está existencialmente sozinha com um outro, com outros, com mais outros até o limite de um grupo interativo, uma equipe de trabalho, uma turma de alunos. Ela está na comunidade, está na escola, está no seu bairro, está no seu povoado de vida, mas ela não vive de uma maneira interativa e ativa a comunidade como um grupo desse tipo. A mesma coisa acontece na situação polar, na situação oposta nos pequenos breves momentos de inserção do meu eu em uma grande massa.

Uma grande massa que pode começar num grupo de mais de trinta, cinqüenta, noventa pessoas e que pode se estender ao que aconteceu ontem aqui, pois eu estou em Porto Alegre, participando do Fórum Internacional de Educação e ontem, na abertura, nós éramos entre dez a quinze mil pessoas no Gigantinho, em Porto Alegre. Havia versões desencontradas que quase lotava aquele lugar, entusiástica, cantando, assistindo, aplaudindo, se tocando afetivamente com momentos de muita intensidade. Eu mesmo vivi isso. Eu estava lá, eu era um dos participantes daquela grande massa

reunida com uma intenção, com um pequeno conjunto de intenções definidas, mas a minha vivência interativa foi com uma pessoa com quem eu fui, com algumas pessoas próximas a mim e cujo o modo de ser e cujo o comportamento à minha volta, ao meu redor, em grande parte influenciava o meu próprio e as muitas pessoas que eu fui encontrando dentro daquele lugar ou quando eu sai, no espaço a volta, era sempre uma outra pessoa, duas, três outras pessoas, numa relação interativa com sentido, com profundo sentido.

Quero agora, no final, retomar alguns passos para deixar mais claro tudo que foi colocado até aqui. Eu estou trabalhando com a idéia de que nós podemos inter-relacionar isso que eu acabei de descrever, ou seja, as situações existenciais da experiência do cotidiano que vão da solidão à comunidade e ao grande grupo, passando por cada um dos momentos descritos sumariamente por mim e depois, digamos, como algo que cruza as situações mais sócio culturalmente estruturadas da vida. Exemplo: eu vivo a sós, com uma outra pessoa, num par de relações, numa trinca de interações, num grupo um pouco maior, no contexto da família, a minha família, meu grupo doméstico, minha casa, com um tempo e espaço de vida, me reserva ao longo de uma manhã essas várias possibilidades.

A família exclui a possibilidade da vivência do grande grupo, o que poderia se dar no momento de festa que reunisse toda uma parentela, ou toda uma vizinhança. Então, de um lado eu tenho a solidão, o dois, o três, o quatro, o vários, o muitos e de outro lado eu tenho a família, a família estendida, a parentela, o grupo de idade, o grupo de interesse desdobrado de grupo de idade, as equipes de tarefa, a situação escola. Então eu estou pensando aqui, eu estou desenhando com as mãos no ar um jogo da velha mais simples, apenas composto por duas linhas que se cruzam e formam quatro quadrantes, mas o que interessa aqui são as linhas. Na linha horizontal, eu estou colocando essas várias unidades que eu descrevi nesta e em outras oportunidades, da família e da escola no caso da educação e na linha vertical, cortando essa linha horizontal, as situações existenciais da vivência do dia-a-dia. Na verdade, essa figura poderia ser trocada por uma outra mais fiel, uma outra em que o que eu tenho são, em cada uma dessas situações da linha horizontal, as possibilidades das outras relações, das relações da solidão à multidão, então eu tenho isso acontecendo no contexto família, tal como eu descrevi, no grupo de idade, no grupo de interesse, na equipe de tarefa e finalmente, no próprio contexto da escola.

Assim, se eu tomo o caso da vida de adolescentes das muitas escolas que nós estivemos descrevendo e com quem nós estivemos trabalhando nesses anos todos aqui mesmo em Porto Alegre, esses adolescentes, a cada dia de suas vidas numa comunidade como em Belém Velho, por exemplo, oscilam entre situações que vão do estar só ao estar entre muitos, vivendo algumas situações em que se intertrocam com muita freqüência ao longo de um dia. Estou sozinho, chega alguém e eu estou com ele, de repente somos três pessoas, um pouco mais adiante, quatro, cinco, seis pessoas, dentro de um contexto familiar, ou num grupo de idade, um pouco mais adiante somos

vinte e oito pessoas numa sala de aula, é o momento em que volto à minha solidão e um pouquinho mais eu estou de novo com um colega e assim por diante.

E esses adolescentes estão vivendo isso saltando continuamente de uma dessas unidades de vivência sócio-cultural do cotidiano para outra, da casa para o grupo de idade, do grupo de idade de volta para a casa, do grupo de interesse de volta para a escola, para o grupo de tarefa e assim por diante. É esse intercruzamento, é essa intercomunicação de situações existenciais com as unidades sócio-culturais de inserção e interação da pessoa num dia de vida na experiência do cotidiano que eu quero trabalhar e aprofundar aqui.

Poderia fazer interagir esses vetores que se cruzam com os outros dois elementos pensados até aqui. De um lado a situação regida pelo teor de intenção, de motivação da vivência de cada um desses grupos, de cada uma dessas unidades. Uma intenção, convivência, iniciação, ritual ou tarefa, produto prático da interação e depois a qualidade emotiva, a qualidade.